

*Desconstrução e descentramento do ser/saber: outras histórias a partir da leitura/ escrita
feminina negra de Jovina Souza*

Érica Azevedo Santos¹

“Muitos escolhem o silêncio para fabricar o esquecimento”
(EVARISTO, 2016, p.103)

“O avesso é a verdade da costura.
O silêncio é a palavra
maturada pelo pensamento.”
(LÍVIA NATÁLIA, 2017, p.13)

Canto inicial

Tão ou mais agonizante do que ter uma história não contada dentro de si, como nos conta a poeta estadunidense Maya Angelou, é ter sua história não ouvida e/ou arrancada de si e (re)contada como se fosse de outro.

A história construída ao longo dos séculos tem sido erigida sob o poder masculino de povos colonizadores, desconsiderando e até forjando o apagamento das mais distintas manifestações culturais de povos subalternizados, como os povos originários e da diáspora africana, nos quais as mulheres, como nos recorda Oyěwùmí (2021), quando apareciam, eram periféricas.

Assim, o silêncio foi imposto a essas pessoas, uma vez que foi lhes tirado o direito a voz e toda sua forma de manifestação, bem como sua humanidade. Da mesma forma, o silenciamento foi usado para ocultar as violências de diversos aspectos sofridas pelos povos subalternizados.

Muniz Sodré (2017), ao explicitar acerca da maneira como a liturgia dos africanos e de seus descendentes se prestou a objetos das diversas ciências como antropologia, sociologia, psiquiatria e psicanálise, informa que nenhum desses espaços deu palavra ao negro e que na Modernidade, como na Antiguidade europeia, o negro

sempre foi tido como *aneu logon*, isto é, sem voz. Como várias outras formas de conhecimento submetidas ao colonialismo ocidental, o saber ético e cosmológico dos africanos sempre experimentou o silêncio imposto pela linguagem hegemônica.”
(SODRÉ, 2017, p.11).

O pesquisador ainda reitera que raramente a reinterpretação brasileira do legado simbólico africano foi política, mas predominantemente ético-religiosa.

Desse modo, o aspecto político, que caminha de mãos dadas com o poder, não somente foi usurpado das produções dos descendentes africanos, como, em diversas situações

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLITCULT) da Universidade Federal da Bahia. E-mail: Erica.azevedo@ufba.br.

(re)elaboradas como criação do colonizador, configurando a pilhagem epistêmica, conforme nos explica seu mecanismo Freitas (2022, p.306):

A pilhagem epistêmica constitui-se no Brasil, desde o período colonial, como um dos principais vetores de “produção oficial do conhecimento” beneficiando sempre os projetos e grupos econômicos, artísticos, raciais socialmente privilegiados, calcado na apropriação indevida de saberes indígenas, africanos e negro-brasileiros para o desenvolvimento de diversos campos, ao mesmo tempo em que há o apagamento do protagonismo dessas minorias, a ausência de qualquer retorno em benefício para suas fontes, bem como o extermínio simbólico e literal desses corpos colocados à margem da sociedade brasileira.

O mecanismo de reduzir, quando não apagar, os saberes dos negros brasileiros, pode ser observado nas mais diversas áreas do conhecimento. Na literatura, não são poucos os escritores e escritoras que tiveram seus textos reduzidos a uma abordagem “sociológica”, tendo seu valor estético negado. Os casos de Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, só para citar alguns, são exemplos do *modus operandi* como o poder hegemônico opera para desqualificar as produções negras no país

Machado de Assis, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira teve sua cor dissociada do seu nome, uma vez que, são recentes as referências ao bruxo do Cosme Velho como escritor afro-brasileiro, do mesmo modo, é igualmente recente, as leituras de suas obras nas quais ele não só crítica a maneira como a elite colonialista tratava os negros como também mostra, através de seus personagens, negros e negras com subjetividades, humanizados. Lima Barreto teve seu talento intelectual e literário eclipsado pelo estigma de bêbado e louco. Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus ficaram anos no ostracismo.

Para Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, ser mulher foi outro fator que contribuiu para a invisibilidade de suas produções, pois a mulher negra, usando as palavras de Grada Kilomba (2019), é o *Outro do Outro*, ou ainda uma “categoria residual e não especificada do Outro” (OYĚWŪMÍ, 2021, p.186).

Embora o movimento feminista das duas primeiras décadas do século passado tenha legado uma série de direitos às mulheres (brancas) e possibilitou a ênfase sobre o feminino nas diversas áreas do conhecimento humano, inclusive na arte, as mulheres negras continuaram num lugar de opressão e precisaram construir seu próprio feminismo, isto é, “às feministas negras não resta alternativa intelectual senão a de abarcar o transatlântico e dar sentidos, além da cosmovisão colonial, às relações de poder reconfiguradas pela modernidade, imbricadas e postas à apreciação analítica da teoria interseccional.” (AKOTIRENE, 2019, p.2)

O conceito de interseccionalidade, enquanto prática metodológica, tornou-se importante para a compreensão de situações como o ostracismo de Maria Firmina dos Reis, Carolina

Maria de Jesus e de outras escritoras negras, pois “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002 P.177).

A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação e práxis que contribui para iniciativa de justiça social (HILL COLLINS, 2017), ou seja, uma escolha que conduz a questões práticas da vida cotidiana, haja vista que se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades. Uma vez no fluxo das estruturas, o dinamismo identitário produz novas formas de viver, pensar e sentir, podendo ficar subsumidas a certas identidades insurgentes, ressignificadas pelas opressões (AKOTIRENE, 2019, p.25).

Kilomba (2019), ao discorrer sobre a escrita, afirma que por meio dela torna-se oposição do que o projeto colonial predeterminedou, haja vista que ao escrever torna-se autora e autoridade da própria história. É esse caminho trilhado e construído pela escrita negra na busca pela construção de sua própria narrativa, inserindo suas vivências numa sociedade que trabalha constantemente para oprimir, explorar e invisibilizar as produções culturais das pessoas negras.

Neste texto, trataremos do modo como a escrita feminina negra vem sendo utilizada como projeto político a fim de desconstruir e descentrar o poder e o saber, através da leitura dos poemas “refazendo histórias negras” e “sou mulher preta”, presentes no livro *O levante da Fênix* (2021), da escritora baiana Jovina Souza, autora de uma poética rica em imagens da cultura africana e que carrega a força e a magia de toda uma ancestralidade.

Outras histórias negras: a luta com palavras e o convite às irmãs para dançar de Jovina Souza

Autora de *Agdá* (2012), *O caminho das estações* (2018), *O amor não está* (2019), *O levante da fênix* (2021). Jovina Souza escolheu a escrita literária como arma política, construindo uma poética que, usando as palavras de Freitas (2021, p.17) “transgride as normas da elegância e do bem dizer que, com aplausos da grande plateia, camuflam as violências cotidianas do racismo, ou ainda um projeto negrocida nacional, assim como solapam a memória da diáspora, nossos saberes ancestrais”.

Souza vem produzindo uma poética demarcando seu lugar de mulher negra que trilha o próprio caminho e constrói pegadas e alicerces com os (en)cantos de sua ancestralidade e convoca seus pares, especialmente as mulheres negras, a seguir na caminhada: “*Quando eu nasci Iansã me abraçou/ e disse: – vem negra mulher / pegar os verbos da tua vida / Escolhi*

lutar pra vencer / amar só pra gozar / desobedecer pra existir / Aceitei repartir e continuar”² (2021, online). Assim, no poema intitulado “meu batismo”, que a voz lírica se apropria de uma palavra e imagens cristãs para apresentar sua religiosidade africana.

Em *O levante da fênix* (2021), a poeta dedica a obra às mulheres negras de sua linhagem: “dedico este livro às mulheres que me ensinaram a ser mulher preta e ficar viva. Pensar, fazer e transformar na direção da liberdade e da vida [...] Fênixes que se levantam dentro de mim todos os dias” (SOUZA, 2021, p.7). É a maneira como a poeta expressa seu sentimento de gratidão às suas mais velhas, ao mesmo tempo em que mostra para outras mulheres negras a importância de valorizar os laços de pertencimentos.

A poeta dedica, ainda, vinte e sete poemas dos sessenta e seis que compõem o livro a escritoras negra de diferentes gerações. Tal dedicação e o título do livro já apontam um caminho de leitura direcionando o leitor para a coletividade, um livro marcado pela necessidade de seguir juntas e, ao “convocar”, por meio da dedicatória tantas mulheres pelas quais o afeto aumenta sua potência de agir, coloca o leitor diante de uma rede de outras mulheres.

No poema “refazendo histórias negras”, Souza dedica seus versos a também poeta, Livia Natália, e o modo como o poema é construído revela o quanto a autora e Livia Natália são próximas de suas origens africanas. As palavras-resistências são comuns na escrita das duas escritoras. São versos nos quais Jovina, ao mesmo tempo em que nos revela seu olhar acerca da autora de *Dia bonito pra chover*, nos apresenta o comum entre elas e seus pares:

REFAZENDO HISTÓRIAS NEGRAS
p/ Livia Natália

No meu coração abrigo águia em todas as estações,
cuido das suas unhas para caçar nossos predadores.
Elas vêm com letras e viram palavras.
Escrevo para nos guardar dos cupins da nossa história,
afastar o esquecimento das nossas casas e dos nossos olhos.

Vou ouvindo os causos de dona Maria,
do seu Joviniano, o que se passou no canavial,
nos quintais das fazendas, nas rodas de samba
e a fala dos pretos velhos e das pretas velhas.
Minha letra conta sobre o que fizemos nas roças
e nas cidades com esmerado desvelo.
Como fizemos ciências, filosofias producentes,
de onde veio os erês, as contas do quelê, o IFÁ,
as danças da Xirê e o segredo das tranças no cabelo.

Assim a palavra se faz chuva a germinar
os campos, as águas limpando as mentes negras
das mentiras brancas.

² Versos do poema “Meu batismo” (online)

Solto letras no tempo e as recebo relatos
para registro da memória que se constrói.
nos sons de cada signo encadeado.
O esquecido retorna na musicada poesia,
no eterno do verso que lhe sopra existência
e desenha nossos caminhos de honras,
nossos cotidianos e pensamentos e modos,
página de uma história pedindo seus cantos.

A palavra me chega como teias de resistências,
um ninho para os pássaros pretos nômades
ficarem juntos confabulando lutas de vencer.
E na ação dos verbos transitivos e intransitivos
possam fazer sumir os predadores cupins
das nossas memórias e das nossas vidas
(SOUZA, 2021, p.68).

No poema “refazendo histórias negras”, a voz lírica, apresenta-se consciente de que através da escrita é possível traçar não somente a sua própria história, mas também reescrever a de seu povo, pois escreve “*para nos guardar dos cupins da nossa história, afastar o esquecimento das nossas casas e dos nossos olhos*”.

Trata-se de uma escrita que nasce não somente da experiência da voz lírica, mas que alcança a coletividade ao ser nutrida pelos *causos* contados pelos seus mais velhos de diferentes lugares e que carregam o olhar e a vivência dos antepassados, que contam as mais diversas experiências de seu povo: das atividades na roça às científicas, filosóficas, culturais e religiosas.

Através de uma escrita consciente, a poeta dissemina palavras-chuvas capazes de limpar “*as mentes negras das mentiras brancas*”. Nesta perspectiva, a poeta usa a literatura para também mostrar às pessoas negras a sua história a partir de uma perspectiva própria, bonita e positiva. É a celebração da ancestralidade, da identidade afrodiaspórica, aspecto importante da literatura de escritores negros porque embora pareça óbvio, a consciência de pertença à negritude não nasce com as pessoas pretas, visto que, no Brasil, ainda se aprende na escola, bem como, em algumas famílias, a história contada na perspectiva do colonizador que inferioriza e subestima as experiências de seus antepassados e o ser negro, pois como bem nos ensinou Neusa Santos Sousa (1983), não se nasce negro, mas torna-se negro.

“Refazendo histórias negras” são versos que (re) constroem memórias a partir de um lugar de afetividade. Com a palavra que chega à poeta, como teia de resistência, ela tece ninhos onde confabula juntas e juntos *lutas de vencer* e formam novos teares que preservam e edificam memórias.

Em *O levante da fênix*, diversos poemas reconfiguram a identidade da mulher preta em seus múltiplos aspectos: *Meu corpo parece apenas /de carne e osso, mas é sagrado / Ele*

registra os pactos divinos com meu Orixá de cabeça".³ No poema "Sou mulher Preta" a poeta canta seus (des)caminhos:

SOU MULHER PRETA

O meu caminhar é de encontros
com seres que odeiam seus traços
herdados da minha face.
Com narcisos brancos e machos
e seus espelhos, trazendo sombras
pra minha janela.

Sou uma mulher preta nessas rotas
de consciências racistas liquefeitas
a parir humanidades esdrúxulas,
disfarçadas lanças de mecenas,
ceifando crianças, mulheres e homens.

Minha vida então se faz em crônicas
de muitas lutas e de muitos sonhos.

Vivo a esperança que abraça a luta.
Neste reino de realidades cruas
fico forte é no abraço das pretas irmãs
de onde sigo para quebrar os espelhos
dos narcisos,
resgatar conforto para o negro feminino
e bálsamo para a escuridão.

(SOUZA, 2021, p.24)

Consciente de que se está presente numa rota racista que odeia seus traços e fazem sombra em suas janelas, a mulher preta segue lutando, sonhando e se fortalecendo com o abraço das "pretas irmãs". Seu objetivo é "quebrar os espelhos dos narcisos", que pode ser interpretado como a mudança na criação de imagens que bell hooks (2019) afirma ser um aspecto fundamental para que o racismo e a supremacia branca tenham fim.

Também há em "sou mulher preta" uma postura política em favor de uma beleza negra, uma vez que *quebrar os espelhos dos narcisos* também é quebrar o padrão ocidental de beleza. É reconhecer-se enquanto mulher preta a partir das próprias referências e enxergar sua beleza. E essa é uma rasura que constrói não somente uma identidade individual, mas, sobretudo, coletiva.

É a literatura como práxis que se aproxima do Ubuntu (RAMOSE, 1999) que Jovina Souza tece não somente em seus poemas, mas também em suas atividades antirracistas nas quais dialoga com jovens de escolas públicas e a realização de saraus nos quais reúne artistas negros, por exemplo.

Palavras finais

³ Versos do poema "Meu corpo", p.27.

Nos poemas “refazendo histórias negras” e “sou mulher preta”, bem como em toda sua poética, Jovina Souza apresenta-se em constante luta antirracista. Seja reafirmando sua identidade de mulher preta ou recontando a história que foi usurpada do povo negro, como é apresentado nos referido poemas, a poeta se mostra com as palavras sempre pronta para contar sua própria narrativa.

A declaração de Jovina Souza, através do poema “preparando voo”, “*Não me satisfaz o silêncio/ Interessa-me a palavra funda*”⁴ juntamente com os dois textos-epígrafes aqui postos, trazem a reflexão de, no mínimo, duas formas de lermos o silêncio: Conceição Evaristo nos convoca a refletir, através de *Sabela*, como o silêncio foi /é usado por quem usa o poder para manter inalteradas as estruturas desiguais da sociedade. Lívia Natália, no poema intitulado *escuta*, nos faz pensar o silêncio enquanto maturação do pensamento, véspera da palavra. Dessa maneira, é rasurando o silêncio ao qual todo um povo foi submetido que escritoras afro-brasileiras, como Jovina Souza, vêm se inscrevendo e criando outras histórias em nossa literatura, a partir de uma tessitura feminina negra estética e política, simultaneamente.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Tradução de Regiane Winarski. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2018.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo, Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 10.jun.2022.

EVARISTO, Conceição. *Sabela*. In: EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FREITAS, Henrique. Pilhagem epistêmica. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (org.). *Suleando Conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 305-312.

FREITAS, Josenildes da Conceição. Prefácio. In: SOUZA, Jovina. *O levante da Fênix*. Salvador: Ôminira, 2021.

⁴ Versos do poema “preparando o voo”, p.29.

HILL COLLINS, Patricia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: *Parágrafo. Dossiê "Comunicação e Desigualdades"*, v. 5, n. 1. Trad. Bianca Santana. Jun/Jul 2017.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. *Mémoires da plantação: episódios de racismo*. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NATALIA, Livia. *Sobejos do mar*. Salvador: EPP Publicações e Publicidades, 2017.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para o português para uso didático por Arnaldo Vasconcelos.

SOUZA, Jovina. *O levante da Fênix*. Salvador: Òminira, 2021.

_____. In: *Revista Acrobata*. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/demetrios/poesia/6-poemas-de-jovina-souza/>. Acesso em 14.06.2021.

SANTOS, Neuza Souza. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.